

O LUGAR DE AUGUSTO DOS ANJOS NA POESIA BRASILEIRA

THE PLACE OF AUGUSTO DOS ANJOS IN THE BRASILIAN POETRY

Nara Marley Aléssio Rubert¹

RESUMO: É uma análise sobre a controversa classificação do poeta Augusto dos Anjos que oscila entre o Simbolismo, Parnasianismo, Romantismo, Cientificismo, Modernismo e até mesmo Surrealismo, a partir de aspectos de sua poesia que apontam para as diversas tentativas de enquadramento de sua obra. Acrescenta-se ainda que sua carreira de professor e escritor, bem como a publicação de sua única obra, “Eu”, se deu no período chamado Pré-Modernismo, no início do século passado. A partir disso, avaliam-se alguns traços da sua época, da estética literária de seu tempo e a maneira como isso se mostra ou não em seus poemas. Há aspectos insistentes na obra de Augusto dos Anjos que indicam uma direção para sua leitura: a obsessão pela decomposição, o “irrealizado”, a combinação de expressões eruditas com expressões ditas de mau-gosto e, muito especialmente, a morte.

Palavras-chave: Poesia. Pré-Modernismo. Morte.

1 Características e temas

Os estudos de Augusto dos Anjos dividem-se geralmente entre crítica biográfica, psicológica e crítica psicanalítica. A análise baseada na relação vida-obra lançada pelo francês Sainte Beuve na época do Romantismo mostra-se frágil e até contraditória. Ressaltar a gestação, a infância, hereditariedade, o físico, o ambiente e até os ancestrais do autor restringe a uma leitura sempre na mesma direção.

A crítica psicanalítica também não dá conta da análise, pois “não se trata de abordar a obra-de-arte em nome da teoria freudiana, mas de colocá-la na posição do analista e o que dela se lê na posição da “fala” do analisado, não importando em nome do que esta fala se sustente” (FERREIRA, 1984, p. 125).

É comum buscar em experiências de sua vida dados que justifiquem a abordagem temática e opção vocabular deste poeta, afinal não é nas características do momento literário Pré-Modernismo, quando surgiu *Eu*, onde se podem encontrar essas respostas.

¹ Doutor em Literatura Brasileira, UFRGS. E-mail: naramarley@upf.br.

Seja qual for a abordagem ou a escola literária usada como base de análise da obra de A. dos A. ela fornecerá resposta parciais.

Opta-se pelo caminho mais simples, deixar a obra e quem já discutiu muito sobre ela, falar e, a partir disso, buscar referências teóricas sobre qual o melhor enquadramento para esses dados recolhidos.

Ivan Cavalcanti Proença apresenta como incidências recorrentes na obra de Augusto dos Anjos as seguintes linhas temáticas e características

- rudeza materialista X lirismo espiritual;
- ânsia de comunicação em monólogos de um solitário;
- inquietação filosófica;
- temática da morte;
- musicalidade e sonoridade;
- hermetismo e cientificismo (1980, p. 14).

Lúcia Helena critica as avaliações que se fazem do autor à margem do poético, atestando-lhe esquizofrenia, angústia, ou apenas oscilação de humor (1977, p. 22). A autora questiona os rótulos:

- científico e exótico;
- obcecado pela imagem da morte e da putrefação;
- resultado de um caso patológico (1977, p. 20).

A característica que prefere ressaltar diz respeito à sua linguagem que “reverencia o léxico repudiado pela estética do ‘belo’ (1977, p. 23).

Horácio de Almeida, em seu ensaio que apresenta uma análise psicológica do autor, apresenta a tradicional classificação: “um materialista filosófico e, no decorrer do texto em que avança pelos dados psicossomáticos, surge um neurótico, um psicastênico” (1962, p. 2), um “tipo excêntrico de pássaro molhado”, um adolescente sorumbático (1962, p. 4).

Para Marcelo Backes, A. dos A. “concilia a Filosofia e o Budismo, a Biologia e a Anatomia do Naturalismo de Haeckel.” (2001, p. 5)

Sejam quais forem os estudos e a época de produção, a concordância é de que Augusto dos Anjos não pode ser estudado em apenas uma direção e nem localizado em um só período. Os que se aventuraram pela sua crítica reconhecem esse trânsito, assim como o fato dele comungar características que se opõem com radicalidade, muitas vezes num mesmo texto poético.

Revista Literatura em Debate, v. 5, n. 9, p. 143-154, ago.-dez., 2011. Recebido em 25 out.; aceito em 19 dez. 2011.

2 A morte em Augusto dos Anjos

É frequente encontrá-lo denominado “poeta da morte”. Dentre suas temáticas citadas com unanimidade encontra-se “a morte”. Esse tema é pacífico dentre a crítica do poeta, o que muda é a maneira como cada análise efetua a leitura em sua poesia.

Lúcia Helena, discordando da ideia de “obsessão” (1977), defende que a morte é apenas mais um dos vários temas que fazem parte de seu universo temático, que ora aparece de maneira materialista, ora mais filosófica,

estas imagens obsessivas como as tem denominado a crítica (morte e putrefação) tem sido esparsamente detectadas, como um elemento que se pudesse destacar ou apenas privilegiar na poesia em questão. No entanto, nem são meros índices de uma obsessão pelo escatológico, pelo horrendo ou putrefato, nem são apenas imagens obsessivas. São imagens *constitutivas*, linhas de força dos eixos em que se elabora a visão cosmogônica do poeta (HELENA, 1977, p. 22).

Em outros momentos a morte aparece como uma manifestação do pessimismo (BUENO, 1994), como uma “implacável presença da maior das evidências da vida e do universo, [...] destruidora paciente e impiedosa de todos os esforços e devaneios humanos” (ANJOS, 1966, p. 23). Bueno apresenta Augusto como o poeta da impotência e do fracasso, deparando-se com “a mais absoluta e definitiva” forma de impotência e fracasso: a morte.

Seguindo a linha pessimista lê-se na última estrofe d’ “O poeta do hediondo” (e que está também na sua lápide),

Eu sou aquele que ficou sozinho
Cantando sobre os ossos do caminho
A poesia de tudo quanto é morto! (“O poeta do hediondo”)

Morri! E a Terra - a mãe comum - o brilho,
Destes meus olhos apagou!... Assim
Tântalo, aos reais convivas, num festim
Serviu as carnes do seu próprio filho!
[...] (“Vozes de um túmulo”) (ANJOS, 1994, p. 330.)

3 O pré-modernismo e Augusto dos Anjos

É comum ler-se que Pré-Modernismo é um período que não alcançou o status de escola literária, ficou apenas como um período de transição, e que designa uma vasta produção literária *Revista Literatura em Debate*, v. 5, n. 9, p. 143-154, ago.-dez., 2011. Recebido em 25 out.; aceito em 19 dez. 2011.

dos primeiros 20 anos do século passado. Além disso, diz-se que não há um grupo de autores afinados em torno de um mesmo ideário, mas um conjunto de várias tendências e estilos literários. Sobrevivem produções de poetas parnasianos e simbolistas, prosadores naturalistas e realistas e surgem escritores que começavam a desenvolver um novo regionalismo e uma literatura crítica.

Neste período que, didaticamente vai de 1902 até a Semana de Arte Moderna, surgem experiências precursoras da linguagem modernista na poesia e na prosa e um nacionalismo consciente. Alguns textos utilizam uma linguagem mais descontraída, que foge dos padrões gramaticais acadêmicos e adota uma visão crítica, que ousava problematizar.

É Alexei Bueno na introdução da Poesia Completa de A. dos A. quem traça os últimos anos do século XIX, “como o século por excelência do ufanismo científico, da euforia do conhecimento da ilusão do progresso ilimitado, criador de uma relativa onipotência do homem sobre a matéria” (1994, p. 21).

Francisco de Assis Barbosa no estudo introdutivo da 29ª edição de *Eu*, diz que “Augusto dos Anjos estava longe de ser o poeta da moda. Nem os poemas do *Eu* poderiam ser declamados nos salões, sob pena de provocar engulhos, vaias, risos. O poeta era inclassificável” (1963, p. 30).

A época em que Augusto dos Anjos viveu - últimos anos do século XIX, foi um período de agitações populares e descoberta de um Brasil marginalizado, esquecido, miserável. Este Brasil de muitos contrastes passou a ser criticado focalizando-se as regiões mais miseráveis e as classes mais sofridas. Alternaram-se neste período vozes intelectuais com vozes populares, a tradição da linguagem erudita de um Euclides da Cunha com o popularismo de textos de um Lima Barreto.

Este é o período histórico-literário quando do surgimento de *Eu*, em 1912. Nada regionalista, muito menos nacionalista e com uma linguagem que está distante de ser “descontraída”, o que se visualiza das características da época pré-modernista na obra que estamos tratando é, no máximo, essa confluência de vários estilos e tendências e a presença de elementos do Cientificismo, do Evolucionismo e do “Monismo” (ANJOS, 1966, p. 22) que caracterizava a Ciência na virada do século.

No entanto, pode-se dizer que Augusto dos Anjos é um pré-modernista no sentido propriamente dito de “pré” moderno, ou seja, de antecipar características que serão exploradas

pelo Modernismo. Essa modernidade percebe-se na inclusão de expressões até então inimagináveis em um texto poético.

4 Um artista de difícil classificação

A popularidade de Augusto dos Anjos é notória e se dá por motivos bem diferentes: ora pela musicalidade dos seus sonetos, ora pelas expressões tão estranhas à poesia, pertencentes ao universo científico, que a crítica chama de anti-lirismo e mau-gosto.

A sonoridade relaciona sua poesia ao Simbolismo e demonstra o cuidado que o poeta tinha na colocação de cada expressão que faz parte de seus versos. Pode-se comprovar isso nas estrofes inicial e final do poema “Barcarola”:

Cantam nautas, choram flautas
Pelo mar e pelo mar
Uma sereia a cantar
Vela o Destino dos nautas.
(ANJOS, 2002, p. 101)

Essa sonoridade frequentemente é quebrada pelo cientificismo e pela linguagem “a-poética”. Esses elementos aproximam-se com recursos literários e temática frequentes no Naturalismo/Realismo, como em “Mistérios de um fósforo”,

Presto, irrupto, através ovóide e hialio
Vidro, aparece, amorfo e lírico, ante
Minha massa encefálica minguante
Todo o gênero intra-uterino!

É o caos da avita víscera avarenta
- Mucosa nojentíssima de pus,
A nutrir diariamente os fetos nus
Pelas vilosidades da placenta! (ANJOS, 2002, p. 108)

Este vocabulário cientificista aparece, no dizer de Cavalcanti (1986), “compensando” a popularidade. Já que se acreditava que a leitura fácil, decifrável por leitores comuns fosse sinônimo de baixa qualidade.

O uso do léxico cientificista é marcante sim, mas “estatisticamente muito pequeno em relação ao total de seu vocabulário” (ANJOS, 1966, p. 22). O destaque dado a esta característica

Revista Literatura em Debate, v. 5, n. 9, p. 143-154, ago.-dez., 2011. Recebido em 25 out.; aceito em 19 dez. 2011.

– assim como o uso de termos filosóficos, talvez seja devido ao que Alexei Bueno chama de “preguiça mental do leitor em relação a vocábulos que lhe causam estranheza e cuja utilização parece despropositada e inútil” (ANJOS, 1966, p. 22).

As características formais da maioria da obra de Augusto dos Anjos aproximam-no do Parnasianismo, pois quase tudo o que escreveu, o fez em versos decassílabos. Alguns destes versos compostos por apenas duas palavras. Sua técnica foi apurada e escolheu recursos de esmero e cuidado, como se pode ler no soneto “O poeta do Hediondo”:

Sofro aceleradíssimas pancadas
No coração. Ataca-me a existência
A mortificadora coalescência
Das desgraças humanas congregadas!
[...]
Quanto me dói no cérebro esta sonda!
Ah! Certamente, eu sou a mais hedionda
Generalização do Desconforto (ANJOS, 2002, p. 126).

Na obra *Eu*, quarenta dos cinquenta e seis poemas são sonetos. No entanto, não foram apenas poemas curtos que ele produziu. Augusto dos Anjos também é um poeta de produções longas, como é o caso do poema “Os doentes” que apresenta cento e dez quartetos divididos em nove partes.

A métrica é um identificador da poesia de A. dos A., mas o poeta não abandona a já citada musicalidade simbolista em seus decassílabos, que fazem de seus textos, “poesia para ser dita [...] declamáveis” (PROENÇA, 1980, p. 43), com ritmo cadenciado nas sílabas seis e dez, quatro e dez, exatamente como acontece nos versos um e dois da primeira estrofe citada de “O poeta do hediondo”. Rimas incomuns, de combinações surpreendentes, marcam todos os seus poemas, quer sejam sonetos, quer sejam poemas longos. Dentre as adotadas por Anjos, encontram-se expressões que têm a marca do cientificismo, herança naturalista; expressões eruditas, herança parnasiana,

No hierático areópago heterogêneo
Das idéias, percorro como um gênio,
Desde a alma de Haeckel à alma cenobial!...

Rasgo dos mundos o velário espesso;
E em tudo, igual a Goethe, reconheço
O império da substância universal!
“Agonia de um filósofo” (ANJOS, 2002, p. 15)

Conciliar opostos como “materialismo” e “espiritualismo” é, talvez, um dos motivos da inadequação deste autor a uma só periodização e estilo literários. O trânsito entre o Simbolismo e o Parnasianismo – e seus “arredores”, procura dar conta deste enquadramento, que Fischer chama de “nada pacífico” (1994, p. 208).

Ele é, por outro lado, “um soneticista da poesia científicista do realismo-naturalismo” (HELENA, 1977, p. 18), com ecos de Simbolismo. Este comentário já concilia, pelo menos, três das várias correntes literárias que julgam algum contato com o poeta. É Lúcia Helena que apresenta esse comentário acrescentando que ele enfrentou inúmeros obstáculos e incompreensão. Dentre os nomes citados no seu *A cosmo-agonia de Augusto dos Anjos*, a autora cita Eduardo Portela, que insere o poeta “na encruzilhada entre o Pós (*Romantismo*) e o Pré (*Modernismo*), entre os estilos pós-românticos, parnasianos e simbolistas e os gestos ou formas antecipadores do Modernismo” (HELENA, 1977, p. 23 / grifo nosso).

A modernidade de Augusto dos Anjos revela-se nesse ato de dessacralização até agora não compreendido: no âmbito de sua poesia dele reverencia o léxico repudiado pela estética do “belo”. O vigor de sua linguagem se nutre d’essa necessidade de horroroso /que é talvez propriedade do carbono! (HELENA, 1977, p. 21).

Poder-se-iam buscar na poesia de A. dos A. elos com a estética modernista do século XX, tais como: a falta de vínculo com a palavra poética, do compromisso com o “Belo” vigente e dessacralizar o jargão romântico, ao utilizar os tão comentados termos “a-poéticos”.

Eu, publicado em 1912, tem caráter antecipador do movimento modernista. “Um diálogo com o novo tempo estético que se anuncia. Pluridimensional: veios românticos, parnasianos, simbolistas – um inusitado diálogo de confluências.” (HELENA, 1977, p. 26). Sabe-se então que Augusto dos Anjos possui características de todas as escolas literárias da segunda metade do século XIX. Essa mescla de tendências no mesmo objeto poético o torna, também, um poeta com tendências modernistas, mesmo tendo desaparecido em 1914 e tendo passado despercebido pelos modernos.

O Modernismo aparece em várias posturas; na inovação de adotar abreviatura nos versos do soneto “Budismo Moderno”:

Tome, Dr., esta tesoura, e...corte
Minha singularíssima pessoa (ANJOS, 2002, p. 37);

na utilização de expressões que fazem parte da fala

No auge de atordoadora e ávida sanha
Leu tudo, desde o mais prístino mito, (id, p. 80);

nas sequências de frases nominais:

Meia-noite. Ao meu quarto me recolho.
Meu Deus! E este morcego! E, agora, vede: (id, p. 16);

na figura do índio visto não como um ser exótico, mas já colonizado e “vestido” com a cultura européia:

E o índio, por fim, adstrito à étnica escória,
Recebeu, tendo o horror no rosto impresso, (id, p. 50);

até mesmo nesse achincalhamento do progresso presente em “Os doentes”(id, p. 50) “que o anulava na crítica da História!”

Outra variedade de classificações do poeta aparece no estudo de Luis Augusto Fischer que apresenta quatro possibilidades: Parnasiano pela opção pelo soneto, mas não pela impassibilidade; Determinista pela linguagem naturalista, mas não pela atitude filosófica; Simbolista pela “atitude filosófica dubitativa, algo mística” e, até Surrealista pela “vertigem” (1994, p. 208) e pelas misturas aparentemente incompatíveis.

Mas, apesar do conteúdo desviar do Parnasianismo, a forma não o faz, A. dos A. utiliza-se do “desfecho banal” (FISCHER, 1994, p. 209) ao estilo de Alberto de Oliveira, ou ainda fechamento filosófico que Raimundo Correia tanto gostava de dar a sonetos como “As pombas” ou “Mal Secreto”. Exatamente como acontece no primeiro verso da última estrofe do soneto “Morcego”,

Meia-noite. Ao meu quarto me recolho.
Meu Deus! E este morcego! E, agora, vede:
Na bruta ardência orgânica da sede,
Morde-me a goela ígneo e escaldante molho.
[...]
A Consciência Humana é este morcego!
Por mais que a gente faça, à noite ele entra
Imperceptivelmente em nosso quarto! (ANJOS, 2002, p. 16)

Revista Literatura em Debate, v. 5, n. 9, p. 143-154, ago.-dez., 2011. Recebido em 25 out.; aceito em 19 dez. 2011.

A “chave-de-ouro” entra na sequência de “cuidados formais notoriamente parnasianos” (FISCHER, 1994, p.210), o que ocorre no início do primeiro terceto de “Idealização da humanidade Futura”,

*Como quem esmigalha protozoários
Meti todos os dedos mercenários
Na consciência daquela multidão... (ANJOS, 2002, p. 19)*

“Monólogo da Sombra”, longo poema que abre a obra *Eu*, pode mostrar essa linguagem naturalista, que se repete na obra do poeta:

*Com um pouco de saliva quotidiana
Mostro meu nojo à Natureza Humana.
A podridão me serve de Evangelho...
Amo o esterco, os resíduos ruins dos quiosques
O animal inferior que urra nos bosques
É com certeza meu irmão mais velho!” (id, p. 195).*

É Lúcia Helena quem nos diz que o cientificismo que aparece na obra de Augusto dos Anjos não é usado num contexto técnico, como ocorria no seu surgimento, durante o Naturalismo, mas passa “conotativamente a denunciar a ciência transviada.” (1977, p. 22)

Outra tendência, o Surrealismo, pode ser encontrada no início do poema “Os doentes”, parte I, no “poema-delírio” sobre a cidade

*Como uma cascavel que se enroscava,
A cidade dos lázaros dormia...
Somente, na metrópole vazia,
Minha cabeça autônoma pensava!*

*Mordia-me a obsessão má de que havia,
Sob os meus pés, na terra onde eu pisava,
Um fígado doente que sangrava
E uma garganta órfã que gemia!” (ANJOS, 2002, p. 45)*

As filiações continuam variando: Manuel Bandeira em sua obra *Apresentação da Poesia Brasileira*, Andrade Murici, no *Panorama do Movimento Simbolista Brasileiro* e Oliveiros Litrento na obra *Apresentação da Literatura Brasileira*, trazem A. dos A. como *simbolista*; Antônio Cândido e José Aderaldo Castelo na *Presença da Literatura Brasileira*, instalam esse autor numa fase transitória *posterior ao Simbolismo*; Já Afrânio Coutinho e Darcy Damasceno na obra *A Literatura no Brasil*, traduzem sua posição como um sincretismo e transição *neo-Revista Literatura em Debate*, v. 5, n. 9, p. 143-154, ago.-dez., 2011. Recebido em 25 out.; aceito em 19 dez. 2011.

parnasiano; Alfredo Bosi, nas obras *A Literatura Brasileira* e *História Concisa da Literatura Brasileira* aponta para as escolas *Pré-Modernismo* e *Simbolismo*; e por fim Luciana Stegagno em *A Literatura Brasileira* em um lugar que ela denomina *do parnaso ao crepúsculo*. Já, Ana Miranda, autora de *A Última Quimera*, romance publicado em 1995, lastreado por uma ampla pesquisa histórica a respeito da vida e obra de Augusto dos Anjos, apresenta também uma discussão a respeito da classificação da obra do jovem poeta. Sua discussão a respeito da classificação do poeta merece ser aqui registrada (mesmo em se tratando de uma obra de ficção) com trânsito pelo romance histórico, onde se entrecruzam dados biográficos e históricos ou, no dizer de Eunice de Moraes “estas obras (*A Última Quimera* e *Boca do Inferno*) ilustram os romancistas da atualidade que, ao tratarem da história, são ficcionistas e historiadores que entram pelas fendas da história, aproveitando-se da liberdade do mundo ficcional para reescreverem fatos canonizados pela história” (1995, p. 459).

O questionamento que uma das personagens da obra faz ao narrador de *A Última Quimera* é se a poesia de Augusto dos Anjos seria parnasiana, simbolista, cientificista ou romântica. O argumento usado na resposta são mais perguntas que soluções,

como poderia ser simbolista, se era adepto da racionalidade? Como poderia ser romântico, se ele era tão realista? O professor diz que os temas de Augusto são românticos hugoanos, nem todos, na verdade apenas alguns, o que não é suficiente para enquadrá-lo no romantismo. ‘Seus decassílabos são construídos de maneira parnasiana’, diz ele. Mas sua morbidez egoística é exatamente oposta à salutar impessoalidade parnasiana. Tampouco a palavra cientificista é suficiente para explicar Augusto, uma vez que ele insinua todos os sentimentos, e sua poesia é doada de uma subjetividade filosófica (MIRANDA, 1995, p. 260).

A discussão não apresenta resposta, mas caminhos. Se há um vínculo da sua obra à filosofia, é preciso considerar que o próprio romance já o faz: “a filosofia é o espírito da ciência” (ibidem), mas também contra-argumenta dizendo que para que se seguisse este argumento todos os poetas, de todos os tempos, seriam enquadrados com cientificistas, pois a poesia apresenta os fenômenos da natureza, as leis da existência, enfim o “Universo, a história, a vida” (MIRANDA, 1995, p. 260).

Augusto dos Anjos é um poeta controverso que não é irregular; é um autor inclassificável que não é um fora de seu tempo; Ele tem tantas faces que poderia ter ultrapassado várias décadas de leitura, estudo e produção e, no entanto, não passou do trigésimo primeiro aniversário. Ler Augusto é transitar do Romantismo ao Modernismo, passando por todas as correntes estéticas *Revista Literatura em Debate*, v. 5, n. 9, p. 143-154, ago.-dez., 2011. Recebido em 25 out.; aceito em 19 dez. 2011.

intermediárias. É um poeta que conseguiu colocar em verso, e em uma única obra, a essência de tendências as mais díspares, sem ser hermético nem incompreensível.

ABSTRACT: The aim of this work is to analyze the controversial classification of the poet Augusto dos Anjos which lies between Symbolism, Parnassianism, Romanticism, Scientificism, Modernism and even Surrealism, stemming from the aspects of his poetry which point to several attempts to fit his work. Moreover, his career as a professor and writer, as well as the publication of his unique work, “Eu”, took place in a period called Pre-Modernism, in the beginning of last century. From then on, some traces of his time were evaluated, the literary esthetics of his time and, whether it is shown or not in his poems. There are insistent aspects in the work of Augusto dos Anjos which direct the reading: the obsession for the decomposition, the “unrealized”, the combination of erudite expressions with words which were said in a grotesque manner and, very specially, the death.

Key words: Poetry; Pre-Modernism; death.

Referências

ALMEIDA, Horácio de. *As Razões da Angústia de Augusto dos Anjos*, Rio de Janeiro: Gráfica Ouvidor, 1962. Disponível em: <http://www.revista.agulha.nom.br/augusto16a.html>. Acesso 28 jul. 2006.

ANJOS, Augusto. *Eu e outras poesias*. Porto Alegre: LPM, 2002. Coleção L&PM Pocket vol. 148,

BACKES, Marcelo. Prefácio. In: ANJOS, Augusto. *Eu*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 2001.

BARBOSA, Francisco de Assis. *Estudo Introdutivo*. In: *Eu*. 29. ed. Rio de Janeiro, 1963.

BUENO, Alexei (Org.) *Augusto dos Anjos. Obra Completa: Volume Único*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.

FERREIRA, Nadiá Paulo. Crítica Literária e Psicanálise. In: SAMUEL, Rogel. *Manual de teoria literária*. Rogel Samuel. Petrópolis: Vozes, 1984.

FISCHER, Luis Augusto. Augusto dos Anjos: surrealista? . *Organon*. Porto Alegre: Revista do Instituto de Letras da UFRGS, Vol 8, no 22, 1994.

HELENA, Lúcia. *A Cosmoagonia de Augusto dos Anjos*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1977.

MIRANDA, Ana. *A última quimera*. São Paulo: Cia das Letras, 1995.

Revista Literatura em Debate, v. 5, n. 9, p. 143-154, ago.-dez., 2011. Recebido em 25 out.; aceito em 19 dez. 2011.

MORAIS, Eunice. Ana Miranda. Dias e dias. *Revista Letras*, Curitiba, n. 60, p. 457-459, jul./dez. 2003. Editora UFPR 457. Disponível em: <http://calvados.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/letras/article/viewFile/2878/2360>. Acesso em: 27 jul. 2006.

OLIVEIRA, Vanderléia da Silva. *A (des) construção do cânone pela ficção em A Última Quimera, de Ana Miranda*. Disponível em: http://www2.unopar.br/pesq_arq/revista/HUMANAS/00000093.pdf. Acesso em 27 jul. 2006.

PROENÇA, Ivan Cavalcanti. *O poeta do eu: um estudo sobre Augusto dos Anjos*. 3. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1980.